

FILOSOFIA COMO IDIOMA DE APELO E DE LIBERDADE

José Esteves PEREIRA
Universidade Nova de Lisboa

RESUMO

A abordagem da obra de Ferreira da Silva é feita a partir da inspiração existencialista que esse autor imprime na reflexão sobre a linguagem e a liberdade.

RÉSUMÉ

L'étude de l'oeuvre de Ferreira da Silva prend pour point de départ l'inspiration dans la philosophie existentialiste que le penseur brésilien inscrit dans sa méditation sur le langage et la liberté.

O título da minha breve comunicação é extraído de um passo da obra de Vicente Ferreira da Silva em momento em que o filósofo parece sentir a necessidade de como que estabelecer uma pausa definitiva depois de intensa e tensa especulação. Não queremos com isto trair o sentido especulativo de um pensador que é justamente avesso à cristalização do conceito e aberto sobremaneira ao poder dialético da criação humana e ao horizonte de superação do próprio logos ordenador, criador do objecto, mas imerso na fase derradeira da sua curta existência a uma especulação transmundana preocupada com o mítico e o religioso.

Em todo o caso no universo especulativo de Vicente Ferreira da Silva que se afirma por permanente tensão especulativa-atraves da discursividade existencialista que o caracteriza seduz-nos este momento, entre alguns outros, por nos permitir ir ao encontro do diálogo que acolhe o em si de pensamento alheio, e de suas configurações próprias, num por si compreensivo, empenhado em tudo o que signifique discurso de transcendência na

consciência plena de que essa transcendência não se dá na história da humanidade de modo unilinear. O que o filósofo brasileiro nos vem trazer de essencial é a advertência da fundamental diferença entre uma filosofia entendida como sistema cerrado de “verdades”, como um conjunto de evidências dadas e uma filosofia elaborada como movimento de transcendência.

Em Vicente Ferreira da Silva a abertura, ou melhor, convívio com pensamento que não é o seu sobretudo daquele em relação ao qual reage, tornam mais fecundo o significado do apelo e da libertação que para si deve ser a faina da filosofia. A começar pela própria posição tomada sobre o progresso material e espiritual. Da situação em que lhe é dado escrever, por exemplo, o ensaio **História e Criação** sente-se a experiência aguda de que “os factos históricos e cósmicos não possuem um desenvolvimento irrestrito e ilimitado, não seguem sempre uma linha ascensional, mas, como as estações do ano e as manifestações periódicas da vida passam por fases de exuberância e de morte ,

de plenitude e de esclerose”(92). Assim o vê tratado V. F da Silva em Anaximandro ou Heraclito mas desde logo o seduzindo o mito da Fenix ave que se reduz a cinzas e incessantemente delas renasce em circularidade, num eterno retorno, imóvel mas sempre em movimento. A este “fatalismo” que de algum modo se corporiza igualmente na teoria dos *corsi ericorsi* de Vico antepõe o filósofo brasileiro o “mito” do progresso contínuo logro em que é presumível pensar os antigos ou Vico não círiam ligeiramente. Para nós, em época em que ainda parece contar adeptos, o fim da história com irrestrito “melhorismo” em que o apelo criativo como que cairia num sono eterno em vida sem assomos da pessoa é significativa a reflexão de Vicente Ferreira da Silva. Se o homem não se pode “esquivar à incidência do *igual* na história importa em todo o caso ver o homem como síntese de necessidade e de liberdade. Em recorrência da filosofia hegeliana, justamente lembra o filósofo que “à aborrecida história sempre sujeita ao mesmo ciclo” se sobrepõe o sol do espírito criador e não repetitivo. . No sentido da espiral e não do círculo, em cotas cada vez mais altas. E no entanto seria um logro pensar que essa espiral é suspeitada apoteose. Pelo contrário nesse próprio fatum está presente a tensão permanente de forças positivas e negativas. Nesse sentido será inútil esperar” qualquer resultado definitivo quanto aos objectivos de uma cultura”. Reflexões mais do fim da vida do filósofo sublinhariam, todavia, uma vertente agónica em que o “impulso de transcendência que instigou o pensamento actual a persistir num maior conhecimento das origens. Os bens culturais seriam expressões de uma alma, de uma concepção selectiva do mundo só podendo ser realmente compreendidos quando” interpolados na protoforma da qual são expressões parciais” 352. Mas, com todo o cuidado que é necessário aceder à compreensão do que transmitia no IV Congresso Brasileiro de Filosofia, (com actas publicadas em 1962) afirmando que a primazia do Mito sobre o Logos implica a precedência da Abertura do Ser sobre a esfera total do inteligível, do cognoscível sobre o conhecer não é impossível concilia-las no que de efêmero e accidental se alterna com o substancial e o eterno no homem. Na perspectiva em que iniciou a sua reflexão mais presa a um logos embora tecido sempre no horizonte da sua excedência poética é patente que

os tesouros culturais são presa fácil da espoliação e do desgaste. Neste ponto(que não deixa de ser a par de reflexão própria uma posição de V. F. S sobre o paradigmas do pensamento enquanto podem corporizar uma filosofia da natureza, da cultura e da história, na evidenciação do desgaste que a própria historicidade tragicamente contém a intuição de V. F. S.) é axial:”Se devemos supor, por conseguinte, que a história de certa maneira é um avançar, um “plus”, somente o pode ser num sentido interior e subjectivo, como um sentimento mais intenso da liberdade e do destino humano e como um recobrar-se do homem a si mesmo através da peripécia histórica”(96). Na dimensão da filosofia como idioma do apelo e da liberdade, que retemos como fio condutor desta nossa visita à obra do pensador brasileiro o que transparece da consideração puramente objectiva dos factos culturais é justamente o valor imperecível da criação, de “toda a meditação que proclama ser a verdadeira objectividade a própria subjectividade, a realidade do ator, do sujeito implicado na peripécia existencial”191. Essa criatividade interna da cultura está fora “ das utilidades, das urgências e das limitações físicas” Com a autoridade que lhe reconhecemos Miguel Reale ao ver em Vicente Ferreira da Silva um anti-historicismo radical (não sendo menos radical no filósofo o seu anti-utopismo e filosofias hipostasiantes) confessa que mais do que dissolver o sentido da historicidade, pelo contrário lhe aguça esse sentido de historicidade. Em nosso entender é aliciante justamente tentar compreender a especulação do autor face ao estímulo de múltiplos paradigmas de reflexão que nos permitem enriquecer múltiplas perspectivas da história das ideias. E o autor a nenhum rodeou efectivamente meditando desde os présocráticos ao existencialismo em que melhor se integra (com uma atenção especial, e cuidada demora no idealismo alemão e de um modo muito especial com a filosofia de Fichte e a poesia de Holderlin e Novalis, essencial o último para a conceituação do estético de que de seguida falaremos. . Nesta busca de intimidade com os autores da tradição filosófica em que nos revemos (tradição a que VFS há-de atribuir limitações) assume especial relevância (embora de modo negativo) a herança platónica e com ela as configurações utópicas e hipostasiantes em tudo o que justamente podem sacrificar formas de apelo,

de liberdade e de fecundidade especulativa. Ficaria esta fecundidade prejudicada se em plano transcendente e transsensorial - qual o do realismo das ideias platônicas - a duplicação do modelo, em mais ou menos radical mimesis impedisse a criação livre do artista. Como ironicamente referirá “Platão sente em seu pendor? ético- religioso o efeito perturbador do capricho artístico sobre o regime utópico que sonhou para a vida humana. Mas como diz VFS o artista cria do interior para o exterior e não do exterior para o interior. E “eis porque na arte não há propriamente imitação mas sim livre-criação. Esta livre criação, ancorada na subjectividade, significa toda a recusa à própria racionalização da vida, a todo o discurso dirigido. A intuição posta na exegese de uma dialéctica da acção lúdica e de uma linguagem , de um idioma contém premente actualidade. Em objecção à defesa de Walter Pater do harmonismo dórico de Platão como disciplina, ordem da cidade sobre o arbítrio do sentimento VFS define-se perante o pensamento platónico retendo para si a convicção de que “a utopia platónica como todas as utopias posteriores cometeu o erro de fixar a produção do homem hipostasiando a vida social em moldes constrangedores como se o homem fosse construtível, puro objecto destituído de essencial negatividade. Não nos é possível seguir aqui toda a riqueza especulativa implícita. Em todo o caso importa sublinhar que a “ausência de temporalidade que o discurso construído pela utopia, ou melhor diríamos pela uchronia qual “equação da vida como um código eterno da natureza depara sempre no mais íntimo do homem em “fundação” poética da sua essência, em não estar disponível nesse construto utópico para o capítulo seguinte, em poder reivindicar liberdade e inventividade própria.

Insistimos neste ponto da especulação do filósofo brasileiro porque as objecções frontais ao “construtível formal e utópico” vivem perto de um problema nuclear da meditação de V. F. da Silva e tem sido sublinhado pelos seus estudiosos. O problema da linguagem, prestando especial atenção à cristalização conceptual, e valorizando a essencialidade do discurso poético que ao nos permitirem sublinhar de novo o idioma do apelo e da liberdade como faina da filosofia abriria o filósofo, por fim, e não exactamente ao dizer desta-o dizer da filosofia, do logos na sua

transparência conceptualizante mas ao mitologema inicial de qualquer cultura, a um pro-logos. Resta saber em que medida, a linguagem do mítico, em sua fatal dilucidação para nós não exige a proximidade do logos. Temos que nos deter no que de enigmático fica da meditação derradeira do filósofo. Em que medida nos abriríamos a um pensamento que reingressa na Fonte transido da sedução mágica instauradora da presença numinosa, como nos diz em passo que interessou particularmente a Miguel Reale ao apresentar os seus escritos. e acentuar o momento superador (com visível influência do segundo Heidegger) o que não anula todavia a dialéctica das consciências em leitura mais existencial. Estamos em todo o caso, sempre perante a realidade da linguagem como compreensão do ser como um idioma da apelo e de liberdade do que mais profundamente se nos oculta nessa opacidade óptica que nos envolve.

Na pausa conceptual a que me referi VFS acentua 191 a dimensão excêntrica da realidade , um “por si”, qualquer coisa que se anuncia além de toda a angústia e limitação do já dado. No mesmo seguimento analítico é dito que o “horizonte sempre aberto da historicidade é o possível da presença espiritual, a “expansão 192 mais íntegra das forças do “por si”. A negatividade do poder ser vai encontrando portanto novas possibilidades comunicativas, possibilidades próprias e do outro em dialéctica intersubjectiva até ao limite do não reconhecimento nas “alternâncias de plenitude e de declínio espirituais , de estabilidade e de crise, que pontilham a odisséia da consciência. Anota a propósito que a história não é o cenário da igreja triunfante mas sim da Igreja militante. De facto “o humano não está salvo da paixão da inumanidade, a sabedoria não o está da barbárie, o refinamento cultural não o está da bestialidade dos apetites. V. F. S. quer responder a Hegel-pensador que diuturnamente utiliza ao lado de Heidegger e Jaspers, e outros obviamente - que no Espírito se teria superado a própria ausência do humano. 216. Mas é justamente neste lance que emerge um passado que vive em nós é susceptível de uma interiorização mítica inscrevendo o que transcende o particular. O mesmo se pode dizer do relato religioso em que não se atende à particularidade do fazer humano, não é ultrapassado pelas ondas sucessivas dêsse fazer, permanecendo como contínua alusão às nossa

possibilidades fundamentais 218. Não será restritivo dizer que traduz a nossa condição humana no seu acto vivo de reconhecimento , luta, esforço, aproximação e zelo pelo advento de suas mais altas possibilidades. O homem sabe que o presente não corresponde à Ideia. A sua realidade não é a de um ser dado na realidade ôntica mem está intencionado a uma realização objectivante mas um esforço incessante de desocultação que se exerce pela comunicação: "existir consagrado à verdadeira comunicação existencial" no ponto de realidade em que esta se torna discurso e palavra. Estamos na especulação de V. F. S em momento em que o homem habita o recinto da palavra e lhe é interior. O que implica o cuidado de não a degradar e de a considerar para além do objectivamente dado. A Para além da cristalização da palavra puramente objectivada, seja o discurso trivial ou a mais cristalizada linguagem logificada o verbo comparece eminentemente na poesia , na filosofia e na mensagem das religiões. Se o discurso objectivado confina, pelo contrário as expressões essencialmente poéticas da poesia, da filosofia e da religião (e quanto mais poético mais verdadeiro, não se cansará

VFS de citar Novalis) emergem como apelo de autenticidade e liberdade vivificando a comunicação intersubjectiva expressa de modo excedente na atitude congratulatória do amor tanto quanto no movimento amoroso está implícita a tendência para a verdade , para a sinceridade , para a confissão, jep intimidade plena da palavra. Filosofia como idioma de apelo e de liberdade também poderá ser o encontro do outro pondo em movimento a consciência de si. A través do ser convivencial. do ser com o outro. educamo-nos, pois, para o sentido da nossa verdade própria 227. V. FS faz recordar que todas as grandes realizações históricas e culturais do homem, todos os prodígios da coragem , da inteligência e do génio foram realizados na incitação do amor e da paixão, no delírio da sua força transfiguradora 211. A menção criadora que aqui se implica por inconclusa nem por isso deixa de ser abertura esperançosa a um espaço da indeterminabilidade infinita e desejosa da experiência do divino. Em meditação heideggeriana de 1958 VFS diz que a "morfogénese das coisas advém na proximidade da presença divina, ou melhor, é essa mesma presença".